

"6 Globos"
19/9/68

Vontes Plásticas
Pintura
Brasil

instituto

Grauben começou a pintar aos 70 a pedido da neta

O Museu da Imagem e do Som gravou na tarde de ontem o depoimento da pintora Grauben Monte Lima, de 80 anos de idade, que descobriu seu mundo artístico quando estava aos setenta. A entrevista estiveram presentes o Diretor do Museu, Sr. Ricardo Cravo Albim, a crítica de arte Ruth Laus, e a filha da pintora, a pianista-concertista, Eunice Catunda, que lhe fizeram as perguntas.

Grauben contou sua infância passada nas cidades de Iguatu, no Ceará, no interior de Minas, e em São Paulo, que influi hoje de forma inconsciente na sua pintura. Fêz questão de frisar que não é primitiva, dizendo não entender de pintura e só gostar de seus próprios quadros e dos de Ivan Serpa. "Acho Ivan o maior pintor do Rio de Janeiro, é o único que conheço, declarou".

Infância feliz

Definiu-se como uma pessoa feliz, alegre e expansiva, revelando uma infância muito agradável em Batatais, onde fugia para a mata a fim de escutar o canto dos pássaros e apanhar ninhos de beija-flor.

Grauben nasceu em 1889, em Iguatu, que ficava nessa época, a 70 léguas a cavalo da estrada de ferro. Mais tarde seu pai transferiu-se para Minas, onde morreu logo depois com 33 anos. Logo em seguida foi com sua mãe e seus quatro irmãos para São Paulo, época que Grauben lembra muito e que segundo sua filha Eunice tem influência decisiva na sua pintura.

Depois, já residindo no Rio de Janeiro, Grauben foi nomeada pelo Presidente Nilo Peçanha, em 1910, funcionária do Ministério da Agricultura.

— Foi um escândalo, disse, eu era a primeira mulher a ser nomeada para o Serviço Público Federal.

Trajatória

— Sempre vivi como fun-

cionária — diz Grauben — e nunca soube fazer mais nada a não ser trabalhar fora. Quando me aposentei, me sentia muito triste e como no Ceará é costume dizer-se "bestando".

Grauben contou que nunca se deu bem com trabalhos caseiros nem com prendas domésticas como costura, tricô, crochê: por isso vivia ociosamente.

Com a sua simplicidade octogenária Grauben disse que começou a pintar aos 70 anos porque ganhou de sua sobrinha uma caixa de guache. E narra:

— Eu nunca chorei de tristeza na minha vida. E também nunca sofri. É muito estranho. Mas eu nunca sofri. Por isso, um dia, quando minha sobrinha foi visitar-me e perguntou-me porque estava chorando, eu lhe apontei o pôr do sol através da janela e disse: Eu só choro de beleza. Dias depois minha sobrinha apareceu com uma caixa de tinta guache para mim. Eu lhe perguntei para que era aquilo, e ela respondeu que eu era pintora, porque só um pintor chora diante de um pôr de sol.

Só três meses depois de ter recebido o presente, numa noite de insônia, tentou copiar um "gato maluco", de um anúncio de jornal.

— Era um gato preto com pernas de galinha. Horrível. Comecei a copiá-lo num caderno de minha neta e fiquei surpresa porque saiu um gato azul de olhos e listras amarelas. De certa maneira fiquei assustada e chamei minha sobrinha para ver. E todos começaram a gostar das pinturas que fui fazendo.

A pintora declarou que mais tarde um de seus quadros foi levado para São Paulo e submetido à opinião de um pintor paulista. Este, imaginando que ela tivesse 16 anos, convidou-a a participar da Bienal. Mas Grauben não aceitou.

Pinta cantando

Grauben, criatura de simplicidade quase infantil, não acreditava nas coisas

que lhe iam dizendo sobre sua pintura.

— Eu não podia acreditar que era pintora, e foi isso que me levou a chamar o meu primeiro quadro de "Gato Mentiroso".

O "Gato Mentiroso" de Grauben não pode ser vendido, por preço nenhum. É o seu primeiro trabalho, quer conservá-lo.

Extremamente inteligente, Grauben diz que, apesar de ter feito tentativas para pintar outros motivos, realiza-se, artisticamente, pintando pássaros e florestas. Os temas vão surgindo sobre as telas, sem inspiração nem idealização.

— Dizem alguns que sou primitiva. Mas eu não sou primitiva. A única pessoa que soube definir minha pintura foi Walmir Ayala, que disse: — Você é beatífica porque pinta em estado de graça.

Suas criações são feitas em seu atelier e Grauben pinta cantando.

— Conforme a música que canto, sei se o quadro será bom ou não. Se começo a cantarolar Bach, sei que o quadro será excelente. Mas se cantar uma modinha, tenho certeza de que não será de tão boa qualidade.

Vive para pintar

Grauben, pintora há dez anos, tem obras em Mineápolis, nos Estados Unidos, e em vários Estados do Brasil, e foi convidada várias vezes a participar de exposições na Alemanha. Preferê, no entanto, disse, tornar-se mais conhecida no Brasil.

Para Grauben a única grande razão de sua vida é a pintura e declara que se não tivesse descoberto sua arte, talvez já tivesse morrido. "É pintando que mantenho meu espírito vivo" — acrescentou.

Recentemente foi procurada por Dona Iolanda Costa e Silva, que escolheu três de suas obras, que serão submetidas a estudo e talvez venham a ser presenteadas à Rainha Elizabeth e ao Príncipe Philip, por ocasião de sua visita oficial ao Brasil.